

O R D E M

MIRIAM L. MOREIRA LEITE

Procuro, há meses, uma solução. O pensamento nada me valeu. Recorri a outras pessoas. Procurei a poesia e os livros de psicologia. Finalmente, cheguei à conclusão de que a solução não existe. É um dos casos indiscutíveis de solidão. Impossível a comunicação direta — derrama torrentes de reações paralelas em cadeia. É assunto íntimo e intransferível.

Procuro solução para um problema de ordem. Passei a infância a lhe ouvir louvores. As gavetas deviam estar em ordem. A roupa e a casa precisavam estar em ordem. Isso queria dizer que as coisas precisavam ser colocadas em seus lugares e que era preciso respeitar uma seqüência nas atividades. A ordem incluía uma configuração de espaço e tempo. Era um bem supremo. Muitas batalhas de independência antecederam a percepção de que os lugares das coisas podem ser os mais variados, e que quaisquer que sejam, sempre haverá outros, igualmente bons. Ou melhores.

Mais velha, os professôres me iniciaram na longa e infundável busca da ordem nas idéias. Aqui, o respeito à ordem era menos ortodoxo. Mas não deixava de ser extremamente acentuado. Era preciso ver a ordem da natureza, colocar os acontecimentos em ordem cronológica, nunca esquecer que a ordem alfabética salva situações e que a ordem numérica é das maiores causadoras de frustrações e conflitos. Percebi mais adiante como é precária essa ordenação das coisas. Senti a sua arbitrariedade.

Sòmente com a maturidade percebi a existênciade um caos criador. Mas a longa catequese para a ordem levanta suspeitas. Desconfio de que o caos só é criador quando o indivíduo é levado a descobrir as leis e as constantes ocultas sob o caos.

Com tal informação, não é de estranhar que precise pôr em ordem a minha vida.

E foi neste ponto que as barreiras se ergueram. Nascer, nasci, que disso existem testemunhas e papéis oficiais. E sem ter nascido não poderia estar aqui a escrever. Apesar de tudo, isso me parece estranho. Não me lembro de nada, nem consigo me pôr na situação de recém-nascida, por mais que me esforce. Por mim, sempre estive por aqui. As lembranças infantis são muitas, mas não pertencem a um ser imaturo e dependente. Conservam um sentimento de pequenês e inadequação, mas êsses sentimentos ainda os conservo. O mêdo mudou de objeto, mas continua firme. Em criança, era o que sou. A aparência exterior sempre foi uma surprêsa importuna. Isso explica as longas contemplações no espêlho. Procurava inùtilmente fazer coincidir a imagem refletida com a outra. Agora, no meio do caminho, preciso preparar o fim — declarado compulsório. Pelo menos, no caso dos outros. Mas também o fim não consigo imaginar. Preciso me supôr testemunhas. Como não participar, ser um objeto do cenário, a voz emudecida?

Admitido o nascimento e o caminho até esta colina, é preciso preservar a ordem, e projetar o fim. Não me parece razoável deixar ao acaso uma probabilidade de cinqüenta por cento de morrer nos próximos vinte e cinco anos, ou assumir o papel de cancerosa, reumática ou paralítica.

Ê preciso providenciar, em primeiro lugar, uma substituta eficiente. Em segundo, procurar impedir uma dessas doenças lentas e irremediáveis que perturbam a lembrança, nos que ficarem..

Já no primeiro ponto encontrei dificuldades. O marido se recusa a admitir que a minha ausência implicará em desordens. No íntimo acha que tudo funciona muito bem sem o motor acionar a vida doméstica. Ou então, não me atribui função nesse motor. Acha que se arrumará muito bem até o momento de

escolher por si a minha substituta. Não é que eu não o julgue capaz de uma boa escolha. Afinal, êle me escolheu. Mas é que quero deixar tudo em ordem.

Em segundo lugar, as coisas se complicam mais. Procurei o médico para um exame geral. Tentei encaminhar o assunto. Barreiras, novamente. Êle se pôs a me acalmar. Não, não, eu não tinha nada de grave. Não precisava pensar nisso. Não preciso, mas quero. Desejaria discutir com êle o meio mais rápido e higiênico de terminar uma dessas situações angustiantes para doente e família, em que acabam todos desejando a morte uns dos outros. Não tenho ímpetos de me suicidar, mas precisei interromper minhas investidas, pois começava a me tratar com aquela aquiescência paternal e enérgica com que se reorientam neuróticos. O suicídio seria um rompimento da ordem — mas nem tive oportunidade de lhe explicar isto. Êle escreveu a receita e incluiu um tranqüilizante inteiramente desnecessário. Quero apenas impedir que minha atividade útil, embora muitas vêzes penosa para os meus, se transforme numa carga indesejável. Isso seria uma desordem muito grande, um pesadelo disforme. Se bem que, pensando bem, talvez pertença à ordem das coisas — o recolhimento e a dependência, depois da maturidade eficiente.

Tudo isto partiu daquela figura no terraço. Fôra minha vizinha, eu a vira môça, interessada, a entrar e a sair pelo portão da casa, falando muito, planejando viagens. Depois não a vi mais. Inutilizada, imobilizara-se na cama, fechada às pessoas e aos objetos ao redor. A enfermeira e o marido se revezavam ao redor do objeto inerte, incapaz de autopreservação. Naquele dia saímos da igreja. Era um casamento de verão, numa tarde festiva e quente. A rua se expandia com os carros e os grupos de pessoas a se reencontrar alegremente. Por trás de tudo, no fundo de um terraço escuro, estava ela de pé, estátua branca esmaecida. Olhar parado e vazio. Feições diluídas no rosto inexpressivo. A vida transparecia apenas pela posição — estava parada e em pé.

Ê assim. De repente, a cilada. Por que não amanhã? Depois, uma vida não vida. Respirar, ingerir, decantar. Tubos de ensaio

e aparelhos de laboratório. Um funcionamento coordenado de alguns motores de precisão. E o resto além do ar, do sangue, dos nervos e dos músculos?

Lembro dos animais que vi morrer: o siriri e o gato preto. O siriri foi apanhado caído no chão, pouco antes de uma tempestade. Era novinho e implume. Com um conta-gôtas, pão, leite e ração de cachorro foi mantido vivo, cantador e inteligente, contra o vaticínio de quantos o viam. Um dia, não conseguiu voar. As pernas fraquejaram. Maiores cuidados com a carne, a gema, a ração, nada. Foi se recolhendo à tristeza. De noite, já não cantava com reboição quando acendíamos a luz. Não nos reconhecia aos pulos quando chegávamos perto, com o conta-gôtas e a xícara de ração. Um dia de manhã, as perninhas ficaram rijas, o corpo esticou. Ficou arquejante. Depois, transformou-se na imagem da inutilidade e do abandono. Aquêlê ar que entrava e saía era a vida. Agora, o sôpro o abandonara. Fecharam-se os caminhos. O gato preto apareceu perdido, doente e arrepiado. Negou-se a aceitar as vassouradas com que lhe sugeri que se fôsse para outras bandas. Encolheu-se e ficou. Comeu e dormiu. Com os dias, o alimento e o estímulo, melhorou de aspecto. O pêlo ficou comprido. Postava-se diante da porta de vidro e os olhinhos verdes acompanhavam fixos o que se passava dentro da casa. Era a única manifestação de interesse por seus habitantes, só demonstrada quando a vasilha estava sem leite, pão ou carne. No resto do tempo, enrolava-se no tapête ou dava passeios elegantes pelo quintal. Por trás das grades de onde examinava o ambiente com ar de caçador enfasiado. Uma noite não voltou ao tapête. Encontrei-o em seu pôsto de observação, pesado, as patas esticadas e um rombo nas costas. Antes, êle me divertia, agora, me repugnava. Era um sentimento confuso de asco, compaixão e mêdo. Parecia uma profanação tocá-lo, objeto sem movimento. Juntar aos detritos um ser que fôra vivo. Por que me perturbava aquêlê pacote de vísceras, enroladas por um pêlo negro? Ter se movimentado, olhado, ouvido?

E imaginar-se nessa situação passou a ser um tema. Tudo por fazer, e eu parada e incapaz. Depois ouvi falar de um

homem que era muito diferente quando a mulher estava perto. Percebi pela primeira vez que eu não sabia como eram as pessoas em minha ausência. Como imaginar uma presença ausente? Eu ali, objeto, vista sem ver, observada sem perceber as pessoas na minha ausência presente. Era como se de fora do corpo eu me visse. O grande sofrimento já provoca isso. Sai de si mesmo e fica de fora, a assistir o espetáculo. Poderei contar com isso depois de tomar êste caminho sem retôrno? Os paraquedistas principiantes têm uma violenta crise de mêdo no momento de se atirar — os músculos ficam tensos, a circulação se estrangula. Nos veteranos, a reação é retardada. Sòmente depois de chegar à terra é que sentem o terror do pulo no vazio. E nesta viagem em que nunca seremos veteranos — o mêdo só pode vir antes.

Por isso, com tôda a objetividade e aspiração à ordem, precisei me convencer de que a minha morte era difícil de planejar. Muito difícil mesmo. Nos sonhos, procurava maneira de aceitar o fim. Via-me numa sala imensa, cheia de gente. Não me sentia amedrontada, embora não soubesse quem eram os outros. Era o recinto da preparação. O corpo era reduzido a filamentos amarelos, vermelhos e azuis, como se a carne, a pele, as veias tivessem sido confundidas na síntese total. Um de meus braços e uma das pernas já tinham sido reduzidos e a massa se empilhava a meu lado. Não havia pavor ou angústia, como na vigília. Eu continuava a falar e pedia a um vulto desatento e desinteressado: não me enterrem ainda. Estou viva, sabe? Não muito, mas estou. Faça com que esperem. Não me oponho a que me enterrem. Mas quero morrer primeiro.

Não convém falar disso com o marido. Não posso lhe pedir uma coisa dessas. Afinal, todo marido tem alguma razão para desejar a morte da mulher. Por melhor que ela seja, por mais carinhosa, eficiente, desinteressada e omissa, representa sempre uma presença importuna e oportunidades rejeitadas. Como exigir que êle me ajude a impedir uma situação de doença incurável? Eu, que não sou carinhosa, nem eficiente, desinteressada ou omissa?

Os filhos não poderiam. Seria sobrecarregar os sentimentos de culpa que já carregam em boa dose. Meus amigos de

idade se horrorizam com o assunto. Evitam falar da morte. Não visitam doentes, nem comparecem a entêrros. Tentam evitar encontros fatídicos. Os amigos jovens não me dão oportunidade. Temos entre nós um clima permanente de gozação mútua. Estabelecemos alguns princípios que respeitamos sempre — não dar escândalo, não fazer tragédia. Procurar, no que fôr possível, o cômico. Tentei propôr o meu problema em termos leves. Foi considerado uma excelente piada.

Percebi então que não era sòmente com o marido, os filhos, os amigos velhos e os moços que eu não poderia tratar do assunto. Comigo mesma, rompendo tôda a evidência, eu me recusava. Não conseguia imaginar a minha morte. E sem a morte, afinal, não há ordem na vida.